

# O HERALDO

Redacção, administração, composição e impressão

Director, proprietario e administrador  
**JOSE MARIA DOS SANTOS**

ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS"

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

## O SUICIDA

Ha muito tempo que a saude politica do sr. commendador Ferreira Netto inspirava a todos os seus amigos os mais serios cuidados. Começara-lhe o mal logo depois da morte do glorioso estadista Hintze Ribeiro, manifestando-se por repetidas crises de indecisão e apathia que muito afroixavam o apregoado vigor de S. Ex.ª

Pesadelos varios perseguiram-no a miude. Delirios convulsivos agitavam-no constantemente. Em quem votaria na eleição do chefe regenerador? Iria com os marechaes? Seguiria os dictames do seu terno coração?

Estas tres perguntas eram tres insolúveis incognitas que se apresentavam ao espirito culto de S. Ex.ª, de tal forma irreductíveis que não havia meio de resolvê-las e resolver-se.

Realmente o caso era bicudo. O cargo de chefe politico tem por vezes destas embaraçosas situações, tanto mais difíceis de esconjurar quando se trata de um homem indeciso, irresoluto e naturalmente apathico como o sr. Netto.

Não vendo maneira de cortar o nó gordio, S. Ex.ª foi para o estrangeiro.

Ahi, longe dos ares patrios, teria talvez, quem sabe? com a nos talgia da sua ridente provincia, qualquer inspiração redemptora...

Resolvida a questão pela renuncia espontanea do illustre estadista Teixeira de Sousa a favor do sr. Julio de Vilhena, o sr. Netto, depois de varios incidentes, que então foram muito commentados, voltou, tranquillo e calmo a exercer o seu lugar de chefe e a manobrar, e a trabalhar, em manobras e trabalhos que só existiam no seu espirito achacado, mas que, ainda assim, eram sufficientes para suavisar o mal politico que o affligia.

Neste supposto socego, uma nova contrariedade veio transtornal-o. Um novo ponto negro se levantou no horizonte politico; uma cabecinha de alfinete, uma coisinha minúscula e vaga, pouco maior do que a sugidade de uma mosca. O que era?

Que havia de ser? Era a ambiçoesinha do Sr. Campos Henriques, prestes a florir num ministerio de entruído que surgiu, no tablado nacional, impulsionado só pelo intuito de afastar e preterir, por mais uma vez, o partido regenerador de ascender aos conselhos da corda!

Novas difficuldades, novas atropalhões para o sr. Netto. Com quem iria? Acompanharia o sr. Campos Henriques? posto já fora do gremio regenerador como dessidente e ambicioso?

Ficaria como dantes, regenerador sem tintura de progressismo? Eil-o na duvida! Na terrivel e obscante duvida, manietado, sem saber que fizesse.

De novo lhe sorriu a expectativa de ir ao estrangeiro, sair á surdina, assim como quem não quer a coisa...

Antes, porem, escreveu aos seus correligionarios.—S. Ex.ª teve sempre a monomania de escrever epistolas—, mas sempre indeciso, sempre duvidoso, a uns pediu que se abstivessem, a outros que fossem para o sr. Campos Henriques, e ainda a outros que seguissem a

politica regeneradora, então superiormente dirigida pelo Sr. Julio de Vilhena.

Era, mais uma vez, aquelle desejo commodo de não ser peixe nem carne que vinha dominal-o.

Mas o estratagemã não surtiu o desejado effeito.

A imprensa indiscreta noticiou que entre a lista dos socios do club henriquista da rua do Alecrim figurava o aureolado nome de S. Ex.ª

Sua Ex.ª o sr. commendador estava henriquista puro, genuino, sem macula e com a sua virginal candidatura de deputado que o partido regenerador lhe conferira, sem duvida para melhores fins.

De então para cá o seu mal accentuou se. Veiu a febre, o delirio mais intenso e começou politicamente a falar só!

Teve crises terríveis, lagrimas de desespero e de impotencial

E' que durante os últimos mezes, perante a celebre investida do memoravel pau de bater bifés que afugentou o ministerio henriquino —S. Ex.ª que atravessara sem succumbir, as mais duras tempestades politicas do tempo do franquismo, começou a experimentar uma impressão de cansaço só explicavel pela serie de quasi simultaneas contrariedades que o affligiram, todas devidas aos resultados sempre negativos do seu minguido tacto politico.

Por seu mal, encontrou-se S. Ex.ª, num desses periodos da vida em que tudo nos desaba ao mesmo tempo, como em outros tudo nos corre com exito, sem que seja preciso invocar o palavrão do Aca-so.

Cada homem atravessa assim uma epocha em que é, na sua vida particular e publica, o que os inglezes chamam inergicamnte: *The right man in the right place*, —o que convem ao lugar que lhe cabe.

Os proprios defeitos adaptam-se então ás exigencias da posição, como a loucura dos heroes se adapta ao momento historico em que florescem.

Mais tarde, no periodo da desgraça, até as melhores qualidades concorrem para a ruina.

Assim succedeu ao sr. Netto. Sahindo do seu partido pela porta falsa da dissimulação, teve o desgosto de ver-se isolado, perdido, reduzido á simples sombra do que foi.

Os regeneradores, seus amigos politicos, percebendo-lhe a tempo a manha e a traça voltaram-lhe rudemente as costas e quando, por occasião da vinda do sr. conselheiro Teixeira de Sousa ao Algarve o sr. Netto viu todo o partido em que militara, correr a saudar o prestigioso politico, percebeu que d'ahi por deante estava irremediavelmente condemnado a... fallar só!

Dahi novos desesperos, novas crises, novos ataques de nervos, tão grandes e tão pronunciados que o Districto os traduziu assim:

«A instancias do sr. conselheiro Campos Henriques, partiu para Lisboa o sr. commendador Ferreira Netto...»

A instancias, leram bem?

Era ainda a fatal indecisão a lavar no culto espirito de S. Ex.ª e a tal ponto que o seu novo chefe, chamava-o, para junto de si, *instancia*, com S. Ex.ª para que se fosse chegar ao fogo divino do seu altar politico!

E o sr. Netto foi. Como resistir a tantas instancias. Foi, mas mais lhe valera não ter ido.

Da capital trouxe para o seu reduzido bando a ordem formal de submeter-se ao chefe franquista e de, para maior viltã e ignomia, mendigar para os candidatos do franquismo o favor dos eleitores.

Outro qualquer, mais resolutivo, mais escrupuloso, mais independente, daria ao diabo o bloco, a colligação, os accordos politicos.

Mas S. Ex.ª é um indeciso, um frouxo. A doença que o domina vem de longa data. Sentia-se reduzido a pygmeo, elle que parecera gigante graças ás andas do partido regenerador!

Alem disso aterrava-o mais do que nunca aquella tenebrosa expectativa de ficar a fallar só, supplicio horrivel para todo o algarvio que se preza.

Foi allucinado por esta medonha espectativa que escreveu a sua ultima carta politica, implorando o suffragio dos eleitores com palavras ternas e promessas dubias.

Mas ahi! Infelizmente a doença politica do sr. Netto attingira a sua derradeira *etapa* e S. Ex.ª, percebendo a gravidade da sua situação, resolveu pôr termo á sua existencia politica.

A *carta-peditorio* foi a arma escolhida para o effeito. Escrevendo-a, o sr. Netto suicidou-se.

E foi tão infeliz que ninguem o lamentou!

E' que para os suicidas, mesmo politicos, não ha nem deve haver piedade, porque o suicidio é uma das mais revoltantes covardias!

E o sr. Netto, pedindo votos para franquistas, para os mesmos que ainda hontem guerreava sem treguas nem quartel, suicidou-se...

E politicamente, morreu de morte macaca!

## PESSOAL DE FAZENDA

Foi julgado incapaz de serviço o sr. Antonio Thomaz Heliodoro, escrivão de fazenda de Monchique.

—Entrou no goso de licença o escrivão de fazenda de Castro Marim sr. José Antonio d'Almeida, ficando a dirigir aquella repartição o 2.º aspirante sr. José Francisco Rodrigues Mil-Homens.

—Vão permutar os seus logares os 2.ºs aspirantes de fazendas dos concelhos de Silves e Oeiras srs. Judice da Costa e Octavio José do Nascimento.

## Noticias politicas

Foi exonerado, a seu pedido, do lugar de administrador do concelho de Castro Marim, o sr. Jacintho Emygdio Celorico Drago, importante elemento regenerador d'aquelle concelho e que ao seu partido continua dispensando toda a influencia de que dispõe. Para o substituir na administração do concelho foi nomeado o escrivão da fazenda de Redondo sr. Manoel Antonio Affonso, que já tomou posse do seu novo lugar.

## Trigo

O nosso estimavel amigo sr. Joaquim Celorico Palma, grande proprietario em S. Marcos da Ataboeira, chegou na terça feira a Alcoutim, onde tem muitos amigos pessoases, de conhecida valia eleitoral, e que votarão com o governo nas eleições que hoje se realisam.

Foi abundantissima, este anno, a produção de trigo na provincia do Alentejo, especialmente nos districtos de Beja e Evora.

Os armazens dos caminhos de ferro do Barreiro estão, desde ha dias, a transbordar d'este genero, para alido de diversas procedencias alemtejanas.

## A "Voz do Paiva"

Traçamos n'um dos últimos numeros do *Heraldo* umas ligeiras linhas de commentario a certa local do nosso distincto confrade de Castro Daire, *A Voz do Paiva*, a proposito do sr. conselheiro Julio de Vilhena, antigo regenerador e actual (?) acolyto do sr. José Luciano de Castro n'essa famosa colligação de todos os partidos conservadores contra o actual governo. Quiz o nosso presado collega vêr n'aquellas palavras uma decidida má vontade contra aquelle estadista e tomou-a á conta da molestia partidaria que envenena e ennevõa a maior parte da familia portugueza, não lhe permitindo avaliar os homens pelo que realmente valem, mas sim pelo que lhe dita o estreito criterio do seu facciosismo partidario.

Quasi sempre assim succede, infelizmente, na politica; achamos bons e prestimosos os que nos acompanham com a mesma facilidade com que encontramos defeitos nos que nos combatem. Nós, porem —perdoe-nos o estimavel collega esta vaedade—conhecemos bem esse vicioso costume que é o pão nosso de cada dia em todas as *coleries* da nossa malfadada politica, e porque o reprovamos em absoluto, d'elle nos temos afastado systematicamente, fazendo o apreço dos homens publicos mais pelo valôr que teem do que pelo partido a que pertencem.

Bem sabemos que é difficil a isempção completa d'este peccado, sobre tudo em quem, como nós, tambem por vezes se entremette em politica. Sempre ha amizades mais intimas ou conceitos mais apaixonados que nos podem trahir, ainda que levemente, a verdade, mas isso é sempre desculpavel quando em vez de se constituir em regra, forma, simplesmente, uma rara excepção.

Por tudo isto creia o nosso camarada de Castro Daire que as referencias que a sua local nos motivou ao conselheiro Julio de Vilhena foram não o proposito de ferir um adversario, mas o sincero desgosto da desillusão soffrida ao vêr *cahir* um homem que pela sua dignidade—pessoal ou politica, porque nós não differenciamos—nos merecera sempre consideração e respeito.

E se o collega está, como cremos, são e escoreito de toda a molestia partidaria, sem que a pécha do facciosismo possa ensombrear-lhe a lucida intelligencia, diga-nos se nos pode continuar merecendo respeito politico o homem que tendo um nobre passado de principios liberaes, pondo sempre ao serviço d'esses principios o briho resplendente da sua palavra fallada e escripta, agora se acamarada com o porta-estandarte das ideias mais reaccionarias para combater o primeiro governo que n'este reinado mostra fugir á rotina conservadora dos últimos tempos? Se pode merecer-nos respeito politico o estadista que tendo se nobilitado e prestigiado pelo seu isolamento dos homens e dos partidos que nos últimos annos teem feito a vergonha da nossa administração, de repente se mistura e se identifica com esses mesmos homens e com esses mesmos partidos, aplaudindo e alimentando a guerra de morte proclamada contra o governo de que é chefe o homem publico que pouco antes lhe merecera referencias da maior confiança e consideração? Se pode, enfim, me-

recer-nos respeito politico o homem que sendo offendido e desmentido publicamente pelo sr. Campos Henriques, ostentosamente ludibriado pelo sr. José Luciano de Castro e troçado ridiculamente pelos franquistas do sr. Vasconcellos Porto esquece vergonhosamente todos esses agravos e de novo se emparceira com os agravantes não em sacrificio do paiz mas para saciar a vingança d'um despeito que, mesmo que fundamentado, nem comparar-se podia a qualquer d'aquelles agravos?

Ah, presado collega! Como estamos a vel-o embaraçado na resposta, mesmo por muito que a sua clara intelligencia e o seu desapassionado criterio queiram servir a causa d'esse homem publico de tão brilhante intellectualidade, mas que não soube levar até ao fim da sua vida a firmeza do caracter que por muito tempo o distinguiu entre os politicos da nossa terra.

Não terminamos, já agora, sem agradecer ao nosso apreciavel camarada a gentileza das referencias que nos faz e que pela amizade que exprimem nos compensam —a nós, os que vivemos pelo espirito—das tristezas que vão por esse mundo.

## A tal circular da dictadura

Na sua missão de promoverem a barafunda politica e de insinuarem ao publico ingenuo malévolos propósitos de repressão e violencia por parte do regimen monarchico, andam muito ataréfados, desde ha dias, os republicanos locais, no fervoroso desejo de dar fóros de sinistra e horrenda dictadura ao caso simples da circular lida pelo sr. administrador d'este concelho aos iniciadores dos comicios republicanos ha pouco effectuados n'esta cidade e em Santo Estevão.

E é de ver aancia allucinada com que os mesmos republicanos se atiram aos srs. governador civil e administrador do concelho, exprobandolhes a feia acção dictatorial, ao mesmo tempo que apregoam á multidão pasmada o instincto tigrino e a ferocidade perversa d'aquellas autoridades que se não arreceiam de ameaçar este mundo e o outro com uma circular... da dictadura e que em sua propecta opinião mereciam a immediata degola, por parte do sr. presidente do concelho, como justo castigo do seu grande e horrivel crime.

E afinal, esvalhada no ar a fumurada de violentos ajectivos com que os republicanos envolveram o tremebundo acontecimento, rufado com estrondo aqui e em Lisboa, eis como elle fica, reduzido á sua expressão mais simples:

No dia 12 do corrente mez o sr. administrador do concelho recebeu da commissão republicana a participação de que no domingo immediato se effectuariam duas reuniões publicas de propaganda eleitoral, uma n'esta cidade e outra em Santo Estevão.

Logo depois aquella autoridade, no desejo de bem cumprir as attribuições do seu cargo, procurou saber qual a legislação em vigor sobre reuniões eleitoraes e facil lhe foi conhecer que as *últimas* instruções sobre aquelle assumpto constavam de uma circular—a tal!!!!—de 21 de janeiro de 1908 e que pelos governadores civis fora enviada ás autoridades concelhias por occasião das *últimas* eleições de deputados. Propositadamente sublinhamos a palavra *últimas* para que melhor fique

sabendo o leitor que a circular—  
vinda agora a terreno, não  
foi propositalmente rebuscada nos  
ominosos tempos da ditadura, pre-  
cedendo a quaesquer instruções  
posteriores, mas sim aproveitada  
porque era o mais recente documen-  
to que regulava o assumpto das  
reuniões politicas.

Mas o que diz a circular? Repor-  
ta-se a lei de 26 de julho de 1893 e  
diz que a essas reuniões eleitoraes é  
indispensavel que assista a auctoridade  
de forma alguma consentirá  
discussões alheias aos ditos fins e, mu-  
to especialmente quaesquer expressões,  
claras e allusivas, de censura a S.  
M. El Rei ou quaesquer pessoas da  
familia real, menos apreço ou desprez-  
ticio das instituições, nem propaganda  
contra as mesmas instituições, ou  
quaesquer incitamentos de perturbação  
da ordem publica ou outros crimes.

Ora, tudo isto, salvo erro, é lei  
de paz e consta de diplomas não  
dictatoraes, pelo que se vê que a  
circular—a tal!!!!—só tem de di-  
ctadura... a data.

O sr. administrador do concelho,  
que não tem sempre deante dos  
olhos, como o tem os republicanos,  
o espectro horrido da ditadura, pe-  
gou na circular, levou-a para o lo-  
cal do comicio e leu-a aos oradores  
republicanos, dizendo-lhes que era  
aquelle documento do governo civil  
o que regulava as reuniões eleitoraes  
e pedindo-lhes que a cumprissem  
porque era seu muito desejo não ter  
que intervir.

O sr. administrador do concelho  
julga assim ter cumprido uma for-  
malidade. E com respeito a circular,  
de tão boa fé a-leu, que com a me-  
lhor boa vontade consentiu que a  
copiassem, com data e tudo, logo  
que isso lhe pediram.

Mas vamos agora ao melhor do  
incidente. Cumpriu a auctoridade  
administrativa, com todo o rigor, a  
letra d'aquella circular? Mostrou-se  
realmente o sr. administrador um  
tão foribundo e severo paladino das  
instituições que não permittisse aos  
republicanos a mais simples bellis-  
cadura na monarchia? Teve elle,  
enfim, nos seus actos ou nas suas  
palavras o rigôr accentuado d'aquel-  
la circular?

Nada d'isso. Os republicanos rea-  
lisaram os seus comicios na maior  
liberdade, escalpellisaram a vontade  
o regimen, disseram da monarchia  
o que Mafoma não disse do tuquinho  
tudo sem que o sr. administrador,  
do concelho os interrompesse, como  
hom delegado que mostrou ser d'un  
governo liberal e tolerante. E' ver-  
dade que os oradores republicanos  
nada fizeram que podesse fazer ac-  
cusar de excessiva a tolerancia do  
sr. administrador: nem desrespeito,  
provocação a desordem ou qual-  
quer outra cousa que não fosse um  
acerrado tiroto de palavras ao re-  
gimen. Mas essas, não as ouviu ou  
não as quiz ouvir o sr. administrador.

D'esta mutua comprehensão de de-  
veres resultou o effectuarem-se os  
comicios na melhor ordem, sem que  
os perturbasse o mais pequeno inci-  
dente. O sr. administrador não fez  
sequer o menor gesto de enfado.

Porque é, pois, que os republica-  
nos, tendo decorrido as comicios na  
melhor ordem e sem a mais peque-  
na interrupção ou violencia por par-  
te da auctoridade administrativa,  
que ao cumprimento rigoroso da lei  
preferiu—e muito bem—uma justa  
tolerancia ás acerbas accusações dos  
oradores, porque é que os republi-  
canos, como diziamos, esquecem pro-  
positadamente esse procedimento  
correcto da auctoridade e fazem todo  
esse escarceo que se tem visto em  
volta d'um facto que pode conside-  
rar-se secundario n'este assumpto:  
a apresentação d'essa circular, a ul-  
tima que tratava de reuniões eleito-  
raes, e a cujos rigores não corres-  
ponderam os actos do mesmo admi-  
nistrador? Porque é que os republi-  
canos, em vez de dizerem a verdade,  
isto é, que lhe foi permitida a ma-  
xima propaganda eleitoral, continuam  
n'esse batuque de accusação dicta-  
torial ao sr. administrador do concelho  
e até ao proprio governador civil?

Ora porque ha de ser! Porque aos  
mesmos republicanos lhes deu na tí-  
neta de apregoarem aquellas aucto-  
ridades como persiguidoras ferozes,  
dos demócratas sonhando apenas  
o seu extremismo por meio das  
maiores violencias e atropellos. Como

se ellas não tivessem mais que fa-  
zer!

## CARTA DE LISBOA

Voltamos á perturbação dos ul-  
timos tempos da ditadura. Na  
noite de 19 para 20, houve em to-  
da a cidade um profundo alarme:  
dava-se como certa a sahida im-  
mediata de um movimento revolu-  
cionario. E' assim, a policia aban-  
donou todas as ruas e recolheu ás  
esquadras. Os postos da guarda  
municipal foram encerrados e os  
respectivos piquetes internados nos  
quarteis. A marinha de guerra e  
toda a guarnição militar da capital  
receberam ordens para se manie-  
rem na mais rigorosa prevenção,  
trocando-se, toda a noite, diversos  
signaes luminosos entre os fortes  
do outro lado do Tejo e alguns  
pontos estrategicos da cidade. Ao  
mesmo tempo houve amiadadas  
conferencias secretas entre o chefe  
do governo, commandante da po-  
licia, commandante das guardas  
municipaes, juiz de instrução cri-  
minal e governador civil, estabele-  
cendo-se logo, principalmente em  
volta do quartel general, um apor-  
tado serviço de vigilancia e sendo  
reforçadas todas as sentinelas. Os  
commandantes dos navios de guerra  
recolheram a bordo, os officiaes  
generaes do exercito de terra, que  
tem commandos de brigadas, man-  
tiveram-se junto do general com-  
mandante da divisão e os ministros  
estiveram reunidos até altas horas  
da noite, em conferencia.

O que havia? Corriam duas ver-  
sões a esse respeito. Uns affirma-  
vam que se tratava de uma revolta  
republicana, havendo até quem dis-  
sesse que todas as portas da cida-  
de estavam já tomadas por numero-  
sos grupos armados. Outros escla-  
reciam tratar-se de um golpe de  
força, intentado pelo sr. José Luc-  
ciano de Castro e pelos seus allia-  
dos, com o fim de atirar a terra, a  
ferro e fogo, o governo do sr.  
Teixeira de Souza.

Não ha elementos seguros, claro  
está, para se saber ao certo qual  
das versões era verdadeira. Que  
os republicanos conspiram abertamente  
pela implatação da Republi-  
ca, ninguem o ignora. E' essa in-  
sua a sua missão. Mas o que se vê  
sabendo tambem—e isso então ex-  
ranho e mais criminoso se torna—  
é que elementos reaccionarios, pro-  
gressistas, franquistas do sr. Vas-  
concellos Porto, jesuitas e outros,  
trabalham igualmente para impôr  
a El-Rei um governo de metralha  
e cantochão, destinado a fazer em-  
postas todos aquellos que não vão  
prestar vassalagem ao sr. José Lu-  
ciano e confessar-se á sagrada meca  
do alto de Campolide. Como prin-  
cipal cabecilha d'essa formidavel in-  
tentona—é assim que os nossos visi-  
nhos hespanhoes chamam a estas  
saldanhadas—aponta-se mesmo um  
official superior do exercito, que é  
ao mesmo tempo dignitario do Pa-  
ço, e diz se que para esse fim outros  
officiaes se tem reunido, em con-  
ciliabulos secretos que fariam arri-  
piar os cabelos ao proprio Tor-  
quemada, o terrivel inquisidor das  
Hespanhas.

Estes preparativos guerreiros,  
cheirando a sangue e a polvora,  
parece que começaram logo que  
subiu ao poder o sr. Teixeira de  
Souza, mas tomaram agora mais  
agudo incremento com a proximi-  
dade das eleições. Como se sabe,  
para deitar a terra o novo governo,  
uniram-se na mais evangelica das  
alianças, sob o pallio negro da  
Companhia de Jesus, o sr. José  
Luciano, o sr. Vasconcellos Porto,  
o sr. Campos Hedriques, o sr. Ja-  
cinto Candido e até para cumulo  
os partidarios de D. Miguel. E,  
assim unidos em bloco, confessados  
e commungados, declararam, em  
som de guerra, que de um só tra-  
go enguliriam o sr. Teixeira de  
Souza e o seu alliado sr. José de  
Alpoim, apesar de ambos elles se-  
rem homens de alentada corpulencia.

Mas passam as semanas, passam  
os dias, as eleições aproximam-se  
cada vez mais, e os sete alfaiates  
do bloco começam a ver-se incapazes  
de matar o aranhão governa-  
mental. E' d'ahi... começar tam-

bem a arder Troya! As trombetas  
jornalisticas dos partidos alliados  
atroam os ares com os seus rancos  
de guerra, ha ameaças contra o pro-  
prio rei, de norte a sul resôam gri-  
tos de vingança implacavel e um  
jornal catholico franquista já quasi  
chegou a intimar o sr. D. Manuel  
ou a deixar immediatamente o thro-  
no ou a entregar o governo ao sr.  
José Luciano, com o Crédito Pre-  
dial e tudo.

Mas como isso não passasse de  
balas de papel, de que o governo  
se ria, affirma-se então que tem  
havido ideias de levar o caso a ti-  
ros de canhão, fazendo tudo em  
terra, pó, cinza e nada!

Ora, como já dissemos, ninguem  
se admira de que os republicanos  
conspirem. E' essa a sua missão.  
Mas que os ferverosos monarchicos  
do bloco emparelhem com elles, em  
arruças e revoltas, não se impor-  
tando de perder a monarchia ape-  
nas para saciarem os seus odios, é  
que é duplamente revoltante. Ja  
era censuravel que os jornaes de  
affinidades catholicas, progressistas  
e franquistas andassem a insultar  
e a ameaçar o rei e a rainha, só  
porque o soberano os não conserva  
sempre no poder. Mas que se  
pense em revoltas militares, desti-  
nadas a obrigar El-Rei pela força,  
mais censuravel é ainda. Tanto  
mais que o sr. José Luciano e os  
seus alliados sabem perfeitamente  
que um movimento revolucionario  
apenas poderia servir... para dar  
uma victoria facil aos republicanos.  
De facto, enquanto as tropas fieis  
ao governo, ao sr. Teixeira de Sou-  
za, se entretivessem a combater  
as tropas da presumivel intentona,  
os republicanos haviam de apro-  
veitar a deixa para dar em uns e  
outros, estabelecendo a confusão e  
fazendo vingar os seus fins.

E'ahi tinhamos o sr. José Luc-  
ciano, o fiel, o incondicional monar-  
chico, a derrubar a monarchia, da-  
da a hypothese de serem verdadei-  
ros os insistentes boatos que cor-  
rem.

## Matriculas no lyceu

De 10 a 25 de setembro se effe-  
ctuam estas matriculas.

A proposito, cremos prestar um  
bom serviço ao publico, a quem o  
assumpo interessa, informando de  
no lyceu, se poderem matricular,  
alem dos alumnos que pretendem  
seguir o curso geral, os alumnos que  
dejejem habilitar se apenas em al-  
guma ou algumas disciplinas de in-  
strução secundaria, como titulos  
para determinados direitos.

Esta matricula pode fazer-se em  
qualquer das classes 1.ª ou 4.ª, exi-  
gindo se, para a matricula na 4.ª  
classe approvação no exame singu-  
lar na 3.ª, das respectivas discipli-  
nas.

Os alumnos que se matriculam no  
lyceu para a frequencia singular de  
quaesquer disciplinas all' professadas  
pagam, por uma só vez, na abertu-  
ra da 1.ª matricula, em cada disci-  
plina, seja qual for o numero das  
classes por qua a disciplina esteja  
distribuida, 2.395 réis.

Estas disposições do regimen vi-  
gente lyceal, que muitos interessa-  
dos não conhecem facilitam de modo  
extremamente economico a habilita-  
ção em quaesquer disciplinas do qua-  
dro dos lycens.

E' isto de grande vantagem para  
os candidatos a referida habilitação,  
especialmente onde não abundam os  
bons leccionistas de ensino livre.  
Exige se apenas pequena propina, na  
primeira matricula, em cada disci-  
plina, seja qual for o numero de clas-  
ses ou annos em que ella esteja des-  
tribuida.

O lyceu offerece, pois ensino quasi  
gratuito aos alumnos que pretendam  
titulo legal de candidatos a segundos  
aspirantes das repartições de fazenda  
a aspirantes ao diploma de habilita-  
ção da escola telegraphica, a aspiran-  
tes do quadro dos correios, a officiaes  
dos governos civis, a matricula  
nos cursos superiores do Real Con-  
servatorio de Lisboa, a dentistas, a  
contadores, a amanuenses da Impren-  
sa Nacional, e continuos em quadros  
dos lycens, etc.

Este numero do *Heraldo*  
é de 6 paginas.

## CARTA DE FARO

SOL, LUA, MADAMISMO E MODAS—VESTI-  
DOS NANSOUK E CHAPEUS DE SETIM EN-  
FRITADOS A TULE—ROSAS REPOLHU-  
DAS E «FLAMENGOS» Á MEIA NOITE—  
A EXPRESSÃO ASNATICA DO LEITOR E  
AS SUAS SABIAS CONJECTURAS—NOVAS  
PROEZAS DOS GANHÕES? AINDA O SR.  
ANTONICO? MISSÃO ALEMÁ? LUZ ELE-  
TRICA?—IMIRENSA? «MACHACASES»  
SEXO FRAGIL, PEREGRINOS, CHOLERA?  
—ACLARAÇÃO DO MYSTERIO—CONSI-  
DERAÇÕES FILOSOPICAS SOBRE A  
MARCA DA MINHA CANETA—AS ELEI-  
ÇÕES, O «PLATO DEL DIA»—HISTORIA  
DE UMA MISSIVA POLITICA—FORMIGAS  
E LETRA GARRAFAL E TESA—ANNUN-  
CIO, ORAÇÕES OU PEDITORIO?—MAIS  
CONSIDERAÇÕES E GENEROS ALIMENTI-  
CIOS—O JERONYMO MARTINS E A TEN-  
DINHA POLITICA DO SR. CAMPOS HEN-  
RIQUES—J. FERREIRA NETTO, O HOMEM  
FANTASMA—O SR. COMMENDADOR E OS  
SEUS DOIS J. J.—SILFO, NOME OU LO-  
BISHOKEM?—O SR. NETTO E O «COTI-  
LON» POLITICO DA COLIGAÇÃO PREDI-  
AL—AINDA O GATO DO SR. JOSÉ LU-  
CIANO—DISCUTE-SE Á CERCA DO PRO-  
VAVEL AUCTOR DA EPISTOLA-PEUIDO—  
VOTOS, CANTIGAS E PROMESSAS—FLO-  
RIDÓR OU BORRUMEU?—REGISTO DIFER-  
ENCIAL ENTRE O COMMENDADOR NETTO  
E O ACTUAL PEDINTE DE VOTOS—  
OS CANDIDATOS DO THALASSISMO E A  
PROCISSÃO DO PREDIALISMO COLIGA-  
DO—A ETERNA DUVIDA—O SR. NETTO  
AMIGO DO «PADRALHISMO AMBICIOSO»  
OS SETE SATANASES DO GOVERNO, OS  
SAPOS, AS CAROCHAS E ETC. ETC.—  
FICA SENOO JOÃO? ENGETTOU O JOSÉ?  
PROEZAS DE FR. THEMUDO—TINTA,  
PAPEL, PENAS ETC. ETC. ETC.]

Agora que o madamismo indige-  
na passeia sob este sol ardentissi-  
mo ou sob esta mal empregada lua  
de agosto—da tal, da genuina que  
dá pelo rosto,—os seus vestidos de  
nansouk, as suas enormes chapele-  
tas de setim preto, com nuvens de  
tule branco, ou as graciosas capeli-  
nes de palha fina, com grinaldas de  
flores silvestres;—agora que é mais  
facil topar na rua com uma dama  
peada dentro do seu esguio e indis-  
creto vestido, arrastando um enor-  
me chapeo de *erin de soie*, coroadado  
de repolhudas rosas, do que ver um  
*flamengo* á meia noite, eis-me redu-  
zido a abandonar a descripção, em-  
bora sucinta, dos varios successos  
semanaes e a pol-os de remissa, a  
todos para dar preferencia a um.  
Um só!

Estou daqui a rever-me na ex-  
pressão asnatica do respeitavel lei-  
tor ao ler este breve exordio.

Adivinho, tenho mesmo a certe-  
za de que a Curiosidade, essa pe-  
quena vibora doirada filha do de-  
sejo e da cubiça,—desculpem este  
esguicho de fantasia,—lhe ferrou  
já os aguçados dentinhos no espiri-  
to, obrigando-o a dar-se a perros,  
a pensar, a parafusar, a gastar pelo  
menos dez réis de fosforo substan-  
cioso e raro, só para matar a cha-  
rada que lhe apresento.

Que será? perguntará a si pro-  
prio.

Depois, perante a multidão de  
acontecimentos, perante a variedade  
de successos occorridos nesta  
aprasivel cidade da Virgem, conje-  
cturará sobre o que poderá ser.

Então, desenrolada a fita anima-  
tografica dos seus pensamentos,  
surgirão no quadro em branco das  
suas ideas as mais descontraidas e  
peregrinas hipóteses.

Será a eterna questão pedagogi-  
ca-recreativa?

Serão novas proezas dos cavalei-  
ros da santa Ignorancia mais vul-  
garmente conhecidos por pedago-  
gos marabus e ganhões sem escru-  
pulos?

Serão novos exercicios acrobati-  
co scientificos ou novas frases bom-  
bastico-chulas do nosso adoravel e  
irrequieto Anonico?

Será a chegada a Lisboa da mis-  
são diplomatica alemá, por signal  
toda ella composta de alemãs genui-  
nos, verdadeirissimos, autenticos e  
sem traçar, nem ao menos para  
amosta um só allemão de... con-  
trabando, de exportação, de Evora  
que seja!?

Será o proximo futuro advento  
da luz electrica para a qual já pres-  
tantes canterios andam espicaçan-  
do os cunhaes destes primores de

bom gosto e sábia disposição ar-  
chitetonica que são os predios cita-  
dinos?

Será a attitude da imprensa al-  
garvia, neste actual momento his-  
torico, que vai merecer uma giran-  
de de comentarios?

Serão considerações varias sobre  
a limpeza das ruas?

Serão referencias á grosseria, di-  
go á polidez com que os *machaca-  
zes* citadinos pejam a rua principal  
cá do sitio, amersendando-se em  
cadeiras dispóstas em longas filas  
ou em grupos, que afugentam com  
as suas baforadas de fumo de ta-  
baco barato e o aticismo das suas  
piadas perfumadas de alcatrão e  
azeite de peixe, os bandos tímidos  
do sexo fragil?

Será a proxima chegada do chol-  
era, o regresso dos peregrinos ou  
a odissea do Gregorio?

Não, não, frio! Frio!

Serão as eleições?  
Quente, quente, muito quente!  
Thalassa! Thalassa! O mar! O  
mar!

Pois são, sim sr. as proprias, as  
genuinas, as veridicas, as oportu-  
nissimas eleições. O *plato del dia!*

Mas não julguem que vou para  
ahi pôr em letra redonda a prome-  
norisação de quantas peripecias  
mais ou menos pateticas, mais ou  
menos comicas e até mais ou me-  
nos tragicas desta memoravel cam-  
panha eleitoral.

Para quê?

Seria descrever o que por me-  
lhores penas já está descrito e a  
minha, se bem que já não seja a  
de pato, aparada no bico com que  
taniaes vezes outrora, cantei loas a  
ursos, é uma modesta caneta mar-  
ca *Johann Faber Bavaria*, "dois  
martelinhos"

Nos martelinhos, sem duvida, é  
que está todo o *feticho*, toda a pia-  
da, mas emfim nunca fiando...

Dizer o que já está dito e re-  
dito é a mais vulgar das banali-  
dades, mas quando ha assumio  
fresco, palpitante, novo, e inedito  
chega a ser criminoso e atentatorio  
dos bons costumes jornalisticos.

Não! Não estenderei o meu exor-  
dio sobre a campanha eleitoral,  
nem sobre os vultos mais ou me-  
nos patoscos que neste diorama  
politico agitam as suas figurinhas  
grotescas e insignificantes.

E sabeis vós-oh leitores rotun-  
dos, oh encalmados e pacientes lei-  
tores, a razão porque me dispenso  
de taes trabalhos, de taes maçadas  
sempre estopantes e prosaicas?

E' simples. E' simplissimo.

E' que, para assunto desta mi-  
rifica correspondencia basta-me e  
sobra-me uma meia folhinha de  
papel, dobrada em quarto e bran-  
ca como uma camisa de dormir  
de uma virgem e alma candida de  
quem a pejou, á folhinha, enten-  
da se, de substanciosos dizeres,  
que ha dias, recolhendo a penates,  
tepei sobre a soleira da porta.

Algumas formigas, curiosas, sem  
duvida, e ardendo por saber o que  
diria aquella misteriosa missiva,  
passavam em pequenos destacamen-  
tos, em minusculas rondas sobre a  
superficie côr de cinza do sobres-  
crito, onde em letra garrafal e tesa  
se destacava o meu humilde nome.

Que será?—pensei,—convite,  
aviso da decima, subscrição, annun-  
cio commercial?

Talvez mais alguma daquellas  
oraçõesinhas, que almas caridosas  
e anonimas, de quando em quando  
me remetem com o pedido de co-  
pias e muitas vezes, e edita-as  
por minha conta, em distribuição  
gratis, o que eu pontualmente cum-  
pro como é proprio de um fiel de-  
voto do muito veneravel Padre S.  
Francisco?

Curvei-me e apanhei a carta,  
constatando então que me tinha la-  
mentavelmente enganado.

Não se tratava de convites ou  
de orações, nem era o Jeronimo  
Martins ou o Sabbath que faziam  
a apologia dos seus bons generos  
alimenticios, da sua manteiga fres-  
ca, do seu assucar refinado, do  
seu Moka legitimo, do seu chá idem  
ou das suas massas e conservas  
alimenticias!

Não, longe disso. Tratava-se de  
coisa mais simples e mais comesi-  
nha; tratava-se apenas de um an-  
uncio-reclamo da modesta tendi-  
nha politica do sr. Campos Hen-

riques, da firma Zé Luciano & C. e a carta era, como o leitor astuto já previu, do seu *commis voyageur* cá no districto, o sr. J. Ferreira Netto.

Confesso, em primeiro lugar, que o nome do signatario da carta me deixou a ver navios.

J. Ferreira Netto? Quem será? Quem é o tão illustre como ignorado politico que usa semelhante nome?

E não zombem de facto tão sinceramente contado!

Criem que, em boa verdade, eu não sei quem seja em Faro, o sr. J. Ferreira Netto. Decidamente trata-se de algum homem fantasma.

Conheço e muito bem, o sr. commendador Netto, ninguem ha ahi que o não conheça, mas esse tem dois J. J. e não um só.

Esse é João José como o celebre drama de Dicenta e como muita gente boa e não apenas J. Ferreira Netto.

Esse é, afinal, João José da Silva Ferreira Netto, na sociedade, no mundo elegante e tufal, e familiarmente é o João do seu e nosso serviço compadre Charivaril!

Quem será, então, este pedinte de votos, este mendigo de nova especie que assigna a choradeira dos seus peditores: J. Ferreira Netto?

Será Silfo, Nume, Lobis homem? E o certo é que nem pela leitura da substancial missiva consegui ficar inteirado.

Na carta em questão, como aliás em todas do mesmo genero e especie, fazia-se toda a casta de promessas, mas isso era insufficiente para me permittir conhecer o signatario, para descobri-lo, para reconhecê-lo sob aquelle modesto rotulo feito de um simples J, de um vulgar Ferreira e de um ainda mais banal Netto!

Eu sabia, sim, toda a gente sabia que o sr. Netto, o sr. commendador João José da Silva Ferreira Netto,—para não ficar para ahi eternamente a falar só,—tinha resolvido tomar parte no celebre *collon* politico da colligação predial, onde não faltam curiosas e interessantes *marcas*, desde a véra effigie do gato do sr. José Luciano, fazendo *xixi* nos cofres limpinhos do Descredito Predial, até aquella celebre questão Hinton, de execranda memoria, isto para não citar as proezas do sr. Wenceslau, um raro talento de estadista e do sr. Campos-Henriques, semiprogressista da gamma,—as emfim, ao ler a missiva ainda mais augmentaram as duvidas do meu espirito.

Não! decididamente aquella carta não fôra, não podia ser, escrita pelo commendador Netto, pelo sr. João José da Silva Ferreira Netto, o melancolico profeta henriquista que lá na tranquillidade da sua travessa se ficou, para todo o sempre a falar só!.

Podia lá ser! A primeira parte da carta admittia-se, justificava-se, desculpava-se que fosse do sr. commendador.

Pedia votos para si, relembra hipoteticos serviços prestados á provincia que o viu nascer—e dissemos hipoteticos porque se tivermos paciencia e tempo, ainda um dia, a serio, havemos de dar balanço á acção politica do sr. Netto, só para ver-se o que toda ella bem espremidinha deita em chorume,—afirmava a existencia de projectos—é tão facil fazer projectos que teem de ficar eternamente projectados!—e, emfim, procurava convencer as turbas de que, sob a direcção suprema do sr. Campos Henriques teria o paiz o gosto de ouvir a mais afinadissima e ideal filarmónica governativa que ainda se ouviu nestas paragens desde que Portugal foi condado, como se diz na *Illustre Casa de Ramirez*—do Eça, não confundir com a firma comercial e eleicoeira do sr. conselheiro Ramires, de Villa Real de Santo Antonio e tambem, por signal, candidato, mas esse ao menos genuinamente predial.

Porem, se a primeira parte da tronchuda epistola se aceitava com a indiferença que merecem os peditores e as promessas dos varios apelladores politicos, á segunda já não succedia outro tanto.

E' que trazia peçonha, e, pelo menos lascas de vidro, a tal se-

gunda parte e a termos de atribuí-la tambem ao sr. Netto, o commendador, forçados nos vemos a considerar este conhecido homem publico como uma especie de Flóridor ou Burromeu da Politica.

Não pases, oh conspicuo leitor!

Como queres tu que eu possa habituar-me á idéa patusa de ver o sr. Netto, commendador, governador civil que foi do Algarve, nos saudosos tempos do grande Hintze Ribeiro, encaixado na pele inexpressiva de J. Ferreira Netto, pedinte de votos para candidatos thalassas?

Como poderei eu, que ainda tenho nos ouvidos sensiveis aquelles memoraveis gritos de *Viva o sr. governador civil e a revolução social!* habituar-me a ver o sr. Netto, governador civil que foi, etc, envergando a sua esfarrapada ópa politica e dando as mãos aos dois candidatos do thalassismo que assim desfilam perante a multidão dos eleitores pasmados de tanta... dignidade politica, como anjinhos sorridentes e loiros desta grotesca proccissão do predialismo colligado?

Não! não pode ser. Não posso habituar-me, ninguem pode habituar-se. E' lamentavel, é triste! é inverosimil!

Não fallo já da aliança com os progressistas, que á semelhança das hetairas gregas, estão sempre promptos a aliar-se com toda a gente. Mas os thalassas! Os odiados thalassas!... Os renitentes thalassas!... As sombras negras, os avantesmas perseguidores e roubadores da tranquillidade espirital do sr. Netto, commendador, governador civil que foi, etc, etc?

E tão extraordinario me parece o facto que, considerados os prós e os contras, sempre fico com as minhas duvidas, ficarei com ellas até á consumação dos seculos, magiçando, tentando descobrir se existe qualquer paridade entre o sr. João José da Silva Ferreira Netto, intimo de Hintze Ribeiro e aquelle modesto e quisilento J. Ferreira Netto que canta lóas em louvor do semi-progressista sr. Campos Henriques e pede votos para os candidatos regeneradores liberaes.

Alem de que, um outro facto não menos importante, contribue para a continuação das minhas duvidas.

E' que, tal missiva, a ser do sr. commendador Ferreira Netto, certamente traria mais chorume, mais *verve*, mais piada.

Nem s. Ex.<sup>a</sup> seria capaz de pedir votos sem deixar de insinuar, como dedicado amigo do *padralhismo* ambicioso, que se trata de combater um governo composto de sete satanazes, e que urge combater o com furia e rancor, sob pena do mulherio começar para ahi a dar á luz, sapos, carochas, ratos e baratas!

E' esta, pelo menos, a senha do nacionalismo e como tal não deve despresar-se.

Seja, porem, como fôr, fique o sr. Netto sabendo, caso se apure que João José da Silva Ferreira Netto e J. Ferreira Netto são uma e a mesma pessoa, que com a sua *missiva-pedido*, causou maior successo, do que se para ahi nos apparecesse a galopinar por essas ruas, em travessia de madama, de grande chapeo com azas e penas e de relógio no tornoselo, ao rigor da moda!

E agora um favorsinho. Se S. Ex.<sup>a</sup> é o proprio, o genuino, o supracitado J. Ferreira Netto, não poderá dizer-nos qual dos seus dois nomes deitou á margem?

Ficou sendo João? Engeitou o José? Ficou sendo José? Já não quer ser João?

Oh! diga, diga, comedador illustre, livre-nos destas duvidas por quem é.

Mas...

Tanto falei nas negregadas eleições que nem conclui a minha imparcial critica ás festas de Faro, nem me sobrou tempo para historiar as proezas do anglofilo fr. *The-mudo of Districtal Comision!*

Criem que não perdem com a demora.

O papel é quasi de graça a tinta não é cara, as penas não arruinam ninguem...

Até para a semana, sim caros amigos?

## ELEIÇÕES EM TAVIRA

Os srs. dr. Frederico Chagas, Alvaro Mendes Torres e José Silverio Capella Almodovar são, respectivamente, os delegados da autoridade administrativa nas assembleias eleitoraes de S. Thiago, Luz e Santa Catharina, d'este concelho.

## AS ELEIÇÕES D'HOJE

E' hoje, em Portugal, um dia verdadeiramente solemne. Realizam-se as eleições geraes de deputados e o paiz, por meio do seu voto nas urnas, vae dizer se pretende uma administração boarada e escrupulosa, que permita voltarmos ao esplendor de epochas passadas, ou prefera outra vez enredar-se na manha celebrada do sr. José Luciano que tem sido no paiz, ha muitos annos, o estôrvo a uma acção effizaz e resoluta de vida nova nos destinos da nossa politica.

Pela primeira vez n'este reinado está á frente dos negocios publicos um governo que se constituiu sem a chancellia ignominiosa do senhor dos Navegantes e que está disposto a trazer ao paiz a tranquillidade e a boa administração de que elle necessita para progredir e voltar a merecer o bom conceito das nações cultas. E' elle que hoje consulta o paiz pelo acto eleitoral, que d'esta vez offerece um aspecto de luta que já mais foi agualado ou sequer approximado nas eleições dos ultimos annos.

Contra o partido regenerador, que é o actual partido de governo, combatem unidos todos os outros partidos, com excepção dos dissidentes, e d'essa luta de morte como, repetimos, nunca houve em Portugal, se decidirá do futuro da patria. Ou evolucionar para o bem, ficando este governo para cumprir o seu vasto programma, ou retrogradar para o mal, continuando estes milhões de portuguezes a serem joguetes nas mãos do sr. José Luciano para as suas birras ou, o que ainda é peor, para as suas predilecões.

Oxalá o paiz prefira o caminho do progresso e da liberdade, podendo marcar-se o dia de hoje como um dos mais felizes para a vida de Portugal.

## O NUNCIO

Ontro signal dos tempos, que mostra a desorientação dos elementos reaccionarios. Segredava-se ha muito que o actual Nuncio do Papa, em Lisboa, monsenhor Julio Tonti, que já exerceu idénticas funções no Rio de Janeiro, era o general em chefe das diversas facções que entre nós intentam regressar á politica do arrocho contra todos os elementos liberaes. Havia, porem, quem não acreditasse em tal. Sabia-se, na verdade, que o Nuncio era membro dedicado e cego instrumento da Companhia de Jesus. Mas, na sua delicada missão de embaixador do representante de Christo na terra, de chefe do corpo diplomático do estrangeiro em terra portugueza, de ministro de uma religião de paz e de amor... parecia inacreditavel que assim se intromettesse em luctas e paixões partidarias. Em todo o caso, a verdade era aquella: monsenhor Tonti, com uma inconsciencia assombrosa, foi o proprio a dar-se o luxo de n'uma entrevista de jornal, biosonar da sua intervenção na politica portugueza agredindo mesmo, com uma audacia e uma imprudencia inacreditaveis, o sr. José de Alpoim, chefe de um dos partidos politicos.

Em outros tempos. O Nuncio teria sido posto immediatamente na frente, não se lhe dando tempo sequer para fazer as malas porque em Portugal quem governa é o governo portuguez. Nunca a um representante estrangeiro se permittiu que desse sentenças em territorio nosso. Mas o sr. Teixeira de Souza quiz ser prudente, quiz ser tolerante, para mosirar talvez que despreza os ataques que lhe movem.

Só o sr. José de Alpoim, no jornal do seu partido, segundo uma phrase sua, tem arrancado a pelle ao Nuncio em artigos violentos mas notabilissimos. E o caso vae ser levado ás Cortes, depois das eleições, dando-se pela primeira vez, certamente, o facto de um representante estrangeiro ser atacado e zuzido no parlamento de um paiz onde é simples hospede.

## A PEREGRINAÇÃO PORTUGUESA A LOURDES

I

### DE LISBOA A LOURDES

Havia muitos mêzes que em todo Portugal se fallava na peregrinação a Lourdes, e não escasseavam vontades nem esforços para que o nosso paiz fosse largamente representado.

No Algarve houve uma demorada preparação, e, nomeadamente em Tavira, não faltaram propagandistas, um dos quaes, em especial, empregou uma actividade notavel, procurando vencer escrupulos, com uma lógica irresistivel, e com uma vontade inquebrantavel.

Pena foi, porem, que esse batalhador intemerato, que prégava a peregrinação com toda a fé de um crente, se visse, afinal, obrigado a trocar as agruras de uma viagem a Lourdes pela quietação numa estância de aguas nacional.

«O homem põe e Deus dispõe...!» Paciencia!...

Apesar, todavia, da falta irreparavel daquelle bom companheiro, o Algarve, bem representado, relativamente á sua extensão e á sua coragem economica, preparou as malas e esperou pacientemente a partida do comboio especial, que devia transportar os peregrinos á cidade da Virgem.

Na estação do Rocio havia uma multidão de curiosos e de parentes dos viajantes; e, não obstante o comboio dever partir ás 5 e 50 da tarde, só muito depois das 6 horas se effectuou a partida, no meio de entusiasticos vivas á Patria, a Religião, ao Exercito, etc, etc...

Depressa se estabeleceu entre os passageiros das 14 carruagens, que compunham o comboio, aquelle alegre convívio entre viajantes e compatriotas, com o mesmo objectivo, e não faltaram ditos alegres e expansões nacionaes, durante o trajecto massadôr até á Guardá, onde fôram atreladas mais 10 carruagens, e onde nos esperava o almoço.

Almoçamos mal, porque, succedendo haver alguns peregrinos que não se tinham prevenido com bilhetes para almoço, e, não contando os donos do *buffete* senão com um limitado numero de lugares a mesa resultou que todos comemos, mas muito mal, e todos pagámos mas muito bem.

Da Guarda seguimos para Villar Formoso e Fuentes de Onbro, onde nos sujeitamos á revista da alfandega espanhola, que, diga-se em abono da verdade, procedeu com legalidade e sem vexar alguém.

Uma vez em Hespanha, eis-nos ás ordens dos chefes das estações, que mandam partir o comboio, quando entendem, obrigando-nos a estar mais de uma hora parados sob um sol tropical, no meio de um terreno árido, e onde só temos a distracção de nos lastimarmos.

Passando á vista de Ciudad-Rodrigo tivemos depois 35 minutos de paragem em Fuentes de S. Esteban, onde podemos tomar alguns refrescos e comprar tabaco e phosphoros, pagando com dinheiro portuguez.

E, já agora que fallo em tabaco permittir leitor, vicioso como eu, que te dê um conselho: Quando passares por Espanha vae prevenido com tabaco portuguez, porque nas estações espanholas vende-se apenas tabaco inferior e carissimo.

E demais em Hespanha, é tudo carissimo, mesmó a boa educação vulgar entre gente civilisada.

Em Salamanca esperava-nos o jantar, comêmos razoavelmente, mas com parcimonia, porque os criados do *buffete* não permittiam repetições e mimoseavam-nos com as suas delicadezas, sempre que lhes exigiamos uma iguaria que ainda nem tinhamos provado.

Não se esqueceram, porem logo no principio da refeição de pedir a importancia do jantar ou o vale respectivo.

Partimos de Salamanca, com um suspiro de alivio, e fômos para a Medina del Campo, que, por vezes

foi residencia de reis, e onde morreu Isabel a Catholica em 1504.

Foi uma cidade de grande importancia, que dizem ter chegado a ter 60:000 habitantes, mas que as guerras civis, do tempo de Carlos V, reduziram a pouco mais de um montão de ruinas.

Ahi estivemos mais de uma hora, que foi aproveitada para trocar algum dinheiro portuguez, e para comprar postaes illustrados a seis vintens a duzia.

Uma senhora portugueza, que adquiriu um pão, com algumas migalhas de fiambre, pagou *dosassete vintens!*

Como tivesse presenciado esta roubalheira, diriji-me a uma *pareja* da Guarda Civil e contei-lhe o caso, pedindo providencias.

Responderam-me que tivesse paciencia, mas que elles (os do *buffete*) eram uns grandes ladrões... pagamos a Burgos, onde estivemos 35 minutos.

Fallarei de Burgos, quando tratar de regresso.

Miranda, onde o comboio teve a paragem de 15 minutos é uma estação importante, e Vittoria, onde estivemos 9 minutos é a capital da provincia d'Alva, e foi theatro sangrento na guerra peninsular; foi ali desbaratado el-rei José, com 70.000 francezes, pelos exercitos combinados, luso-anglo-espanhol. Pouco depois entramos nos primeiros contra fortes dos Pyreneus; os tunneis e viaductos succedem-se e chega-se a estar cansado, tal a rapidez com que, mal sahimos de um tunnel, logo entramos noutro.

Retirei-me, abotoando o casaco cuidadosamente.

De Medina até Valladolid os campos, de uma uniformidade inalteravel fatigam a vista, e sente-se a necessidade de fechar os olhos, ante aquellas planuras immensas, limitadas pelo azul do ceu.

Valladolid, onde apenas nos demoramos cinco minutos, foi côrte dos reis de Castella até Filippe II, 1596, e nella falleceu Christovão Calombo em 1506.

Vi fumejar muitas chaminés, e perceu-me que era cidade de bastante movimento.

Para deante de Valladolid os campos melhoram muito, vendo-se bastante arvoredo e vinhas.

Passado Venta de Bãnos, onde tivemos 10 minutos de demora, che-

A vegetação é exuberante, e as flores pendem dos montes, alegrando-nos a vista; as ribeiras e as cascatas succedem-se, orladas de fetos, amoreiras e espinheiros; matas densas, cobrindo os monies gigantescos; emfim, um espectáculo surpreendente.

Alsasua, Zumarraga, Tolosa são, estações de pequena importancia, onde se admira o bom aproveitamento de varias quedas de agua.

Pouco depois eis-nos em San Sebastian, capital de Guipuzcôa, á beira do golpho de Biscaya, onde se vê o oceano e a praia branca, e onde o nosso coração de homens de mar se refresca e sente bem.

A bahia tem uma vista surpreendente, e a cidade está magnificamente disposta, fazendo lembrar um pedaço da nossa Baixa em Lisboa.

Predios bons, electricos para o pôrto, e um certo movimento de cidade importante.

Afastámo-nos de ali com saudade, para rapidamente passarmos a Irun, e Handaya, fronteira franceza, onde, após as confusões indispensaveis com o trasbordo para as carruagens francezas, nos dispuzemos a almoçar por 3 fr. e 15 c. Estavamos em França já, e por isso só te digo, amigo leitor, que almoçamos bem.

Bom tratamento, boa educação, boa gente... tudo bom, principalmente para quem vinha de... Hespanha!

Sahindo de Handaya, tivemos Biarritz á vista, e parámos em Bayonna 16 minutos.

D'ahi em deante não nos fartamos de admirar o cuidado com que os francezes tratam dos seus

campos, áreas e áreas de choupos e faias, bordando os camirinhos, e mil e mil regatos, de ribeiros e canaes, que irrigam os terrenos, e são alimentados pelas torrentes pyrenai-cas.

Em breve tocávamos em Pau, onde comprámos postaes illustrados, mas onde não estava aberto o Buffet!

A mim valeu-me a gentileza da familia Aguas, que pôz a minha disposição umas quantas bolachas da Cooperativa, e um copinho de abafado... Deus lhes pague, que eu não posso...

Aviso-te, amigo leitor, de que não te deves esquecer de comprar bolachas na Cooperativa, se alguma vez fores a Lourdes.

Depois de Pau, devo dizer que não deixámos de admirar a lindíssima paisagem, que se nos offerece á vista.

E, alem disto, quando a necessidade de ver panoramas de um bello inesperado nos não levasse a contemplar o horizonte, havia ainda a prevenção, feita em Pau, de que em breve avistariamos a flecha da torre do Sanctuario de Lourdes.

Effectivamente, pouco depois das cinco horas da tarde, todas as bandeiras portuguezas, fluctuando, pendentes das portinholas das carruagens, se agitaram vivamente, e de todos os peitos sahiu o brado: Viva Nossa Senhora de Lourdes. O enthusiasmo recrudesciu, quando minutos depois avistámos a Gruta, e descobrimos a Imagem Sagrada, rodeada de hera, alvejando enire o massiço monumental da montanha.

Não se pode descrever a impressão, produzida em todos, quando, perante aquelle espectáculo, em que a Natureza se alia á Fé, ouvimos os cantos religiosos dos peregrinos, que, olhando a Gruta, saudavam a Virgem!

E' preciso ver, para que se possa calcular que força irresistivel é a Fé!

(Continua) N. F.

## O sr. Teixeira de Souza e os adeantamentos

Vimos hoje referir-nos a este assumpto, que tão explorado está sendo agora por todos os inimigos do governo, mas muito especialmente pelas jurnaes da colligação.

Para estes desafinados paladinos da moralidade... predial, o sr. Teixeira de Souza é o homem dos adeantamentos, o adeantador-mór do reino, etc.

Ellas bem sabem as—excellentes folhas—que taes calumnias tem sido desmentidas pelos órgãos do governo por meio de affirmações precisas, terminantes e cathogoricas, que os órgãos prediaes se tem visto forçados a aceitar. Mas qual! Na campanha de calumnia e de diffamação em que andam empenhadas, tudo lhes serve, pondo de parte os desmentidas que a mais comestinha lealdade impõe o dever de registrar.

Visto pois que se entregam ao sport de archivar toda a calumnia, não nos leveem essas folhas a mal que por nossa vez as desmentamos completamente, por meio de reprodução das declarações, com caracter officioso, publicadas nos órgãos do governo.

Eil-as:

«Não ha nenhum particular que deva um real, que seja, ao Estado, de adeantamentos feitos pelo sr. Teixeira de Souza. Nem um!

Sobre os adeantamentos á Casa Real verificou-se o que se segue. A commissão do respectivo inquerito apurou ser cerca de 1:000 contos a somma d'esses adeantamentos. Pois de tal verba, só 30 contos são da responsabilidade, do nosso illustre chefe, e vin-se que d'esses 30 contos a sua quasi totalidade fôra indevidamente considerada como adeantamentos feitos, visto representarem exclusivamente despezas autorisadas com recepções de chefes de Estado estrangeiros.

Mas não para aqui o resultado do apuramento feito officialmente:—verificou a mesma commissão de inquerito, documentadamente, que o sr. Teixeira de Sousa, longe de fazer adeantamentos á Casa Real, sempre se oppoz a elles e até evitou que no seu tempo de ministro alguns fossem feitos.

Assim sempre se podessem justificar os censores do illustre homem publico.

Já que, porém, tanto se esalfam em especular com os adeantamentos do sr. Teixeira de Sousa, revejam-se neste quadro dos adeantamentos feitos á Casa Real pelo sr. Espregueira, ministro da Fazenda em varias situações progressistas e actualment grande marechal predial:

Em 11 de março de 1899—22:500 libras (126:562\$500 réis); em 24 de março—2:500 libras (14:062\$500 réis); em 31 de janeiro de 1900—5:000 libras (28:125\$000 réis); em 24 de março—680 libras (3:825\$000 réis); em 26 de abril—2:000 libras (11:250\$000 réis); em 25 de maio—2:000 libras (11:250\$000 réis); em 21 de junho—4:000 libras (22:500\$000); em 27 de dezembro de 1904—3:750\$000 réis; em 3 de fevereiro de 1905—500\$000 réis; em 5 de maio—2:000 libras (11:250\$000 réis); em 15 de julho—6:000 francos (1:375\$000 réis); em 20 de julho—2:000 libras (11:250\$000 réis); em 1 de agosto—2:500 francos (562\$500). O que tudo somma réis 248:112\$500!!!

O sr. Teixeira de Souza é, pois, adeantador mór (!), ficando como adeantador-menor o sr. Espregueira, grande marechal da colligação predial!!!

A propósito ainda de adeantamentos, achamos de toda a oportunidade a reprodução de uma certa carta, que em 1908 se encontrou no ministerio da Fazenda e que fez então o giro da imprensa. Foi dirigida ao supra-mencionado sr. Espregueira e aeza assim:

«Reservada—Meu caro amigo:—Ha de procurar o duque de Loulé, por parte da rainha D. Maria Pia, para lhe pedir quatro contos de réis, a titulo de adeantamento, para despezas impreteriveis de sua casa.

Depois se procurará regularisar o andeantamento.

Sempre seu amigo e muito obrigado:

Lisboa, 28 12-1899.

José Luciano.

Esperamos confiantemente que os estinaiveis collegas da colligação predial se não esquecerão de nos agradecer o refresco que lhes acabamos de dar á memoria com a publicação d'este documento firmado pelo «venerando e illustre chefe»!!!...

## CONTINGENTES MILITARES

Do 1.º e 2.º batalhão de infantaria 4 tem sahido os seguintes destacamentos por causa das proximas eleições:

Para Loulé, commandada pelo capitão Rollo, tendo como subalterno o a'feres Pimenta; para Portimão, commandada pelo tenente Santos Correia; para Moncarapacho, pelo sargento Soares; para Odmira, pelo sargento Monteiro; para a Luz, pelo sargento Mathias.

## CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos a *Farinha Peitoral Ferruginosa de Franco*, por estar legalmente autorisada e privilegiada, e por ter merecido as medalhas d'ouro das exposições, garantida a sua efficacia miliares de medicos e doentes que a tem usado. E' tambem precioso alimento para creanças e pessoas de estomago debil ou que pretendam um lunch ou refeição facilmente digerivel, cuja acção pode realçar-se com um calix de vinho Nutritivo de Carne.

## OS BANHOS

Não se deve forçar as creanças a entrarem no mar

Nem toda a gente procura a heirmar com o mesmo fim. A villegiatura de uns consiste em «matar o tempo», e de outros, tem por fim desbaralhar-o, eucerrados dias e noites inteiras nas salas poeirentas dos salões, onde não se importam que lhes falte o ar e luz. Mas, a par d'estes banhistas ociosos, ha os fatigados, que, depois de terem atravessado um inverno cheio de fadigas e de cuidados, veem pedir ao ar vivificante do mar e ao socego de uma vida hygienica um repouso bem merecido.

Ha tambem a attender muito especialmente ás creanças, que chegam á praia, pallidas, suavezadas, e que de lá regressam bronzeadas, vigorosas e animadas. Como se deve tirar o melhor proveito de uma villegiatura junto do mar?

Antes de tudo, não é indifferente a escolha da praia. Só o medico poderá indicar qual seja a mais conveniente para os lymphaticos e para os nervosos.

Logo que seja escolhida a praia, tambem não é indifferente o saber-se onde se deve armar a barraca. Deverá estar perto, ou longe do mar? Está reconhecido que, até 80 ou 100 metros da margem, o ar marlhuo está saturado de uma grande quantidade de sal e de aromas marlhuos, que são menos abundantes a 400 metros e desaparecem a 600.

(Ha estes aromas sadios, ainda que mal definidos, gozam de um papel importante na cura marlhuo, porque cada aspiração faz penetrar os nos pulmões em bastante quantidade, vivificando-os e excitando-os.

Só o temperamento de cada individuo pôde determinar a sua permanencia junto da costa e a distancia do seu alojamento, porque a acção continuada do ar saliuo, sendo muito viva, poderá ter uma influencia enervante, e provocar insomnias e nervosismo.

Para se ter um ar absolutamente isento de germens, é preciso ir em pleno mar a 160 kilometros da costa. Com o fim de fazerem aproveitar os doentes d'esta pureza perfeita, os americanos e os inglezes transportam-nos diariamente em barcos sanatorios, especialmente constuidos para esse fim e d'esta forma podem procurar a maxima efficacia do ar inspirado.

Deixemos a esses doentes o ar ultra-puro, de que necessitam e dediquemos a nossa attenção ás creanças que se divertem sobre a boa areia quente e saltitam nas primeiras vagas. E' preciso fazel-as viver de manhã, ao sol em pleno ar e aproveitar a maravilhosa egualdade de temperatura, que não encontramos senão no mar onde as oscillações thermometricas, pouco accentuadas, nunca são bruscas. Não nos preocupemos com a elegancia das creanças; o seu corpo deve estar envulvido com um simples «maillot» de lã de malhas largas, que será o vestuario sufficiente. A não ser que haja um sol muito intenso, nada de chapéus, nem de sapatos ou simples sandalias.

Os banhos do mar são excellentes com a condição de que a creança os tome voluntariamente: nada é mais penoso do que assistir-se a um banho forçado, acompanhado de soluços, gritos e supplicas!

E nada ha peor para o pequenino banhista martyr, que na maioria dos casos fará nua reacção má e não verá com bons olhos quem lhe infringiu tamanho supplicio.

Os banhos do mar deverão ser tomados quando está calor e evita-se o arrepio á entrada, quasi tão incommodo como o que se sente quando se sae da agua depois de permanecer n'ella por muito tempo. Não se deve estar immovel dentro de agna mas nadar ou tenlar nadar, para pôr os musculos em actividade, procurando assim desenvolver um suave calor natural.

Pela sua temperatura, o banho do mar provoca sobre toda a pelle do corpo uma viva reacção que activa a circulação do sangue; pelo exercicio aturado tonifica o organismo.

Para que o banho seja completa-

mente aproveitavel, não se deve lavar o corpo depois da sahida da agua salgada. A seccagem ideal, mas essa é impossivel effectuar-se nas praias civilisadas, seria a que fizesse expôr o banhista ao sol sem outro vestuario que não fosse um chapeo de palha... até que a agua se evaporasse.

Se a policia, em nome da decencia não permite este systema ideal de evaporação nada impedirá, contudo, que se aproveitem os tres poderosos agentes da tonificação: o ar, o vento e a luz. O ar marlhuo contém mais oxygenio e ozone e menos gaz carbonico que o das cidades; é preciso respiral-o a fundo, conservando as jauellas abertas de dia e de noite para continuar a cura pelo systema aereo durante o somno e repouso.

Em vez de nos abrigarmos do vento devemos expôr-nos á sua acção impertinente, visto que activa a circulação do sangue e contribue com a luz tão brilhante das praias para nos metamorphosear em poucos dias.

Bibliotheca de Educação Nacional

## A VIDA NOS ASTROS

Traducção do tenete MORAES ROSA

Se os outros mundos são habitados, como parece estar provado... Se outros planetas, que vagueiam no espaço, tem em si humanidades mais civilisadas talvez do que a nossa... Como será a vida n'esses astros? Como poderemos chegar a corresponder-nos com os habitantes d'esses outros mundos?

Estes assumptos, sempre de palpitante actualidade, sempre de um interesse empolgante, são tratados no novo livro do grande astrónomo francez Camille Flammarion, *A Vida nos Astros*—livro agora traduzido em portuguez, constituindo o quinto volume da *Bibliotheca da Educação Moderna*, que se publica em Lisboa sob a direcção do nosso estimado collega de redacção Ribeiro de Carvalho.

Sem duvida alguma, *A Vida nos Astros* é uma das obras mais sensacionais, mais instructivas e curiosas dos ultimos tempos. Como será a vida nos outros planetas que vemos brilhar no Ceo infinito? Como poderemos nós, um dia, comunicar com as outras humanidades que certamente povdam o espaço? Estas duas questões estudou-as Flammarion com a sua proficiencia, dando-nos uma obra magoifica, não só de um enorme valor scientifico, mas tambem de leitura encantadora, atrahente, emocionante.

A mesma *Bibliotheca de Educação Moderna* já publicou mais quatro livros, verdadeiramente sensacionais, tambem primorosamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A EGREJA E A LIBERDADE* e é devido á pena de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *SOCIALISMO E ANARCHISMO* e constitue um estudo, completo e claro, acerca d'estas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamon.

O terceiro tem este titulo suggestivo: *DESCENDEMOS DO MACACO?* N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem, respondendo a estas perguntas, que preocupam todos os espiritos: De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

O quarto volume intitula-se: *NÃO CREIO EM DEUS*. E' a obra mais formidavel que em todos os paizes se tem publicado contra o fanatismo e contra a reacção religiosa.

Preço de cada livro d'esta bibliotheca: brochado, 200 réis; magoificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colonias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacial*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—LISBOA.

## Ainda sobre exames de 2.º grau... negativos em Tavira

O nosso amigo sr. Raymundo José Lagoas, professor primario na freguesia da Luz e que não teve uma só palavra de louvor ou de applauso á nossa camara, quando ella promoveu durante alguns annos, em Tavira, os exames de 2.º grau e mesmo quando instou junto dos poderes publicos para que a lei se aclarasse no sentido desses exames, sem grande despendio para os respectivos municipios, serem feitos em todos os concelhos, enviou nos novo artigo que publicamos em seguida, mas que pouco adiantou ao publicado no numero anterior. Eil-o.

Morceu o meu pobre artigo publicado no ultimo n.º do *Heraldo* as honras de prefacio e commentarios finaes do amigo Redactor que n'elles se mostrou tão mal humorado... Então não louvei nem applaudi a Camara quando em outros annos se fizeram exames n'esta cidade? Permitta-me lhe diga que len mal o meu artigo e d'abi o ser injusto para comigo. Deve ler e fixar a sua attenção no meio do 6.º e fim do 8.º, paragrapho e far-me á justiça, ou então a logica é uma batata.

Começa o meu caro Redactor por dizer nos seus commentarios finaes: «Não tem razão alguma o Lagoas nas censuras que dirige á nossa reacção...»

E' uma opinião que respeito, mas que não posso deixar passar sem provas.

Em primeiro logar absteve-me da censura, conduzindo-me a lamentar «a falta de gesto, generoso, muito embora». E que fosse censura? Não tenho razão?

Fica, n'esse caso, o meu amigo, convidado a provar:

1.º Que houve exames do 2.º grau em Tavira na presente epocha.

2.º Que os municipios, paes dos examinados foram com isso beneficiados pela Camara, como era de direito n'aquelles.

3.º Que haja um pae de examinando que estivesse disposto a regeitar esse beneficio e por que razão, ou que censurasse a Camara por gastar o maximo de 80 ou 90 mil réis com os ditos exames.

4.º Que as outras camaras que requereram exames do 2.º grau não tem em linha de conta o seu decoro e os interesses do municipio, visto que não seguiram o exemplo da de Tavira.

5.º Que as exigencias feitas á Camara de Tavira para a concessão dos alludidos exames não foram feitas ás de Lagos, Silves, Portimão e Villa Real de Santo Antonio.

Podia apresentar-lhe mais quesitos mas já com estes me contento. Se o meu caro Redactor, que pretendia asphyxiar-me com a sua defeza em prol d'uma causa que a não tem, conseguir provar quanto deixo apontado, não teroi duvida em declarar publicamente que errei—«que não tenho razão alguma.»

Que culpa teremos nós que a Camara, julgando conduzir-se por bom caminho, entrasse n'um campo irreductivel? Quantos povos esphacelados pela impericia de qualquer diplomata! E não se diga que seja isto philosphar: os factos o provam. Não tenho razão?

Olhe, meu amigo, quer um conselho? Se alguma vez, em semelhantes circunstancias, o assaltar identico mau humor, atrah-lhe um pontapé certo e liberte-se...

Tavira 23 7-10

Raymundo José Lagoas.

«Eu não louvei nem applaudi a Camara quando em outros annos se fizeram exames n'esta cidade?» Claro que não e nisso mostra o sr. Lagoas que se parece com quasi todos os portuguezes, sempre mais propensos a censurar que a applaudir. A camara promoveu uns poucos d'annos em Tavira, esses exames e nunca o sr. Lagoas em qualquer desses annos a applaudir por isso. Agora a Camara resolveu não os fazer cá e logo o sr. Lagoas encontrou ensejo pela censura... porque censuras são algumas palavras do sr. Lagoas e não só lamentações como diz.

Depois o sr. Lagoas, feito juiz, for-

mula nos alguns quisitos para lhe respondermos, cousa de que nos dis pensamos porque em consa alguma interessam á questão. Quer por exemplo que lhe provemos que honre na presente epocha exames em Tavira, depois de no ultimo numero lhe termos dito que não os houve.

Ora o ponto essencial da questão é saber se a Camara fez bem ou fez mal em não continuar promovendo os exames em Tavira. Nós respondemos que fez bem, pelas razões que já expuzemos no nosso ultimo numero e que o nosso amigo não destruiu.

Dir-lhe-bemos ainda que dos quinze concelhos que tem o Algarve só quatro, Lagos, Silves, Portimão e Villa Real estão pela sua opinião; as outras dez (exceptuando Faro) estão com a nossa, isto é, as camaras não se devem sugar ás imposições caprichosas das estancias superiores.

E o que lhe dizemos com muita pressa, porque hoje nos falta o tempo e o espaço.

**Estação do Caminho de Ferro**

Foi collocado em Arrayolos o chefe da estação do caminho de ferro d'esta cidade sr. Machado. Para Tavira vem o chefe da estação de Arraiolos, nosso patricio sr. José Pereira Ramos, que é um dos mais habéis funcionarios dos caminhos de ferro do estado.

**Armações d'atum**

PREÇO VENDIDO NA LOTA DE VILLA REAL DE SANTO ANTONIO NA SEMANA FINDA DE 21 A 26 DE AGOSTO

*Abobora*—44 atuns, 34 atuarros, 149 albacoras e 190 corvinas; réis, 987#623.

*Melo das Cascas*—151 atuns e 13 atuarros; 2.191#557 réis.

*Barril*—29 atuns; 509#916 réis.

*Livramento*—137 atuns, 123 atuarros e 49 albacoras; 2.700#707 rs.

*Zavial*—17 atuns e 5 atuarros; rs. 25#550.

*Atalaya*—26 atuns, 26 atuarros e 26 albacoras; 622#498 réis.

TOTAL: 404 atuns, 201 atuarros, 224 albacoras e 190 corvinas no valor de 7 272#201 réis.

**Qu tira o chapéu ou é multado**

Fundou se ha tempos na Alemanha uma especie de Club cujos socios se comprometeriam a suprimir os habituaes cumprimentos com o chapéu, substituíndo-os pela continência á militar. Essa resolução foi adoptada pelos motivos de ordem hygienica, segundo dizem os fundadores do original Club. O certo é que esses cavalheiros, quando encontram qualquer pessoa conhecida, fosse senhora ou homem, perfilam-se e fazem a continência, mais ou menos demorada, segundo a categoria do individuo que se cumprimenta. Muita gente, a principio extranhou essa nova forma de cumprimento mas depois habituou-se e já ninguém reparava em semelhante coisa. Na vida social indo é sujeito a determinadas convenções. Levá-las simplesmente a mão ao chapéu, é mais commodo e não estraga as ahas. A hygiene allinha-se tambem á economia.

Mas, sujeitos houve que embirram com a coisa, achando-a demasiado excentrica e pouco respeitosa. Ha dias, um funcionario do ministerio da fazenda do grão-ducado de Hesse, encontrando na rua o seu ministro, parou, e fez-lhe a continência, como a faria um subalterno na presença de um official superior. O ministro, formalista e pouco propenso a innovações, não correspondeu ao cumprimento. No dia seguinte, o funcionario seu subordinado, era avisado de que o ministro o multara n'uma libra sterling—multa que seria elevada todas as vezes que o cavalheiro não tirasse o chapéu, como toda a gente fazia...

O funcionario quiz desculpar-se, allegando-se que era socio do tal Club. Mas nada conseguiu. Pagou a libra e, com certeza, não pagará mais nada, porque tendo-se já encontrado com o ministro descobriu-se reverentemente como é da praxe entre gente civilisada.

Não ha nada como entrar na algebrá para corrigir cada vez mais impertinente toleima humana.

**NOTICIAS PESSOAES**

Fazem annos:

Hoje, 28—D. Isabel da Encarnação Sant'Anna Falleira.

Segunda, 29—D. Aida Romero.

Quinta, 1—D. Amélia Pacheco, Alvaro Judice, Aurelio Belisario Carrejoia Travassos Neves.

Sabbado, 3—D. Anna de Bivar Cumao.

Vindo de Lisboa acompanhada de seu filho o sr. Manoel Tavares d'Almeida, encontra-se a habnho na Armção da Pera a sr.ª D. Anna Tavares Cabrita.

Está em Tavira o sr. João José de Mendonça Azev.

Está nas Caldas de Monchique a oso dos baobos a sr.ª D. Maria do Carmo d'Almeida Cruz.

Está em Albufeira acompanhada de sua filha D. Maria José a sr.ª D. Maria Virginia de Mattos, Parreira.

Está em Tavira a esposa e filhos do sr. Caetano Augusto Bandeira.

Esteve em Tavira o sr. dr. João Lucio.

Vindo de Mafra chegou a Tavira o 1.º sargento d'infanteria sr. Jacintho Augusto da Conceição.

Com sua esposa e filhiza regressou de Coimbra a esta cidade o sr. dr. Frederico Chagas.

Acompanhada de sua esposa esteve terça feira neste cidade o official superior de armada sr. Augusto de Castilho, que adora em viagem de recreio pelo Algarve.

Regressou hontem do Cintra a esta cidade o sr. dr. Alonizio Francisco de Souza.

Reitou para Lisboa com sua esposa o coronel sr. João de Vasconcellos.

Com sua esposa e filhas o partiu para Albufeira o capitão d'infanteria sr. João Estevo Aguiar.



**PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS**

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**

UNICO auctorizado pelo Governo, approved pela Junta de Saude Publica e privilegiado

Recommendo por centenares dos mais distinctos medicos, que garantem a sua superioridade contra a debilidade, na pobreza de sangue (anemia), nas digestões difficis, na convalescença de todas as doencas, em geral, sempre que é preciso levantar as forças ou enriquecer o sangue; usando-o tambem, com o maior proveito, as pessoas de boa saude, mas de constituição fraca, e as robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico, para reparar as perdas occasionadas por esse excesso de trabalho. Um calix de vinho representa um bom bile. Tem sido premiado com as medallhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido.

A venda nas pharmacias. Deposito Geral: Conde do Restello & C.ª Pharmacia Franco, F.ª—Lisboa.

**1.º ANNUNCIO**

No Juizo de Direito d'esta Comarca e Cartorio do 3.º officio pendem uos autos de justificação avulsa requerida por Custodia Pereira e marido Antonio Gomes, residentes n'esta cidade pelos quaes os requerentes pretendem habilitar-se como unicos e universaes herdeiros do reinascente de todos os bens, direitos e acções de D. Maria Carolina Neves Rodrigues, viuva de João José Rodrigues, que falleceu n'esta cidade em 10 d'Abril de 1910, sem ascendentes nem descendentes, mas com testamento cerrado, e isto para todos os effeitos legais e especialmente para que possa ser feito na Juota do Credito Publico, a favor da justificante

a averbamento das inscrições deixadas pela fallecida que vierem a pertencer á mesma justificante, depois se entregue á legataria Gestruides Ricardo a inscrição que lhe foi deixada pela mesma fallecida. Correm pois, editos de 60 dias a contar da publicação do 2.º annuncio no Diario do Governo, citando os interessados incertos para na 2.ª audiencia d'este Juizo, depois de findo o prazo dos editos, virem accusar a citação e ali assegurar-se o prazo de tres andiecia para reduzirem a impugnação que tiveram sob pena de revelia. De clara se que as audiencias d'este juizo se fazem em todas as 2.ª e 3.ª feiras no tribunal Judicial d'esta comarca, sito da Ladeira da Fonte d'esta cidade, não sendo aquellos dias feriados, e se forem santificados têm lugar nos dias seguintes. Tavira, 19 d'Agosto de 1910.

Verifiquei:—Serpa  
O escrivão do 3.º off.º,  
Manuel Martins de Souza Caraca  
108

**ESTABELECIMENTO BINGOISKO DE PEDRAS SALGADAS**  
A MAIS RICA ESTANCIA DO PAIZ  
ABRE NO DA 20 DE MAIO  
ASSISTENCIA MEDICA, PHARMACIA, NOVO ESTABELECIMENTO BANHEAR COMPLETO SOBRENDO PARQUE, DIVERTIMENTOS AO AR LIVRE, GRANDE CASINO-THEATRO, ESTACAO TELEGRAPHO-POSTAL, VACARIA E ILLUMINAÇÃO ELECTRICIA EM TODOS OS BOTEIS PERTENCENTES Á COMPANHIA, NO CASINO-THEATRO E EM TODOS OS PARQUES, ETC., ETC.

**AGUAS** alcalinas, gazozas, lithicas, arsenicaes e ferruginosas, uteis na gutta, na infestações de arthritismo, diabetes, affecções de fígado, estomago, intestinos, rins, bexiga, dermicoses e muitos outros padecimentos, como n'pnyam numerosos attestados das maiores notabilidades medicas do reino e estrangeiro.

Excellentes hoteis, propriedade da Companhia: Grande Hotel, Hotel do Norte e Real Hotel de Avellames, todos elles muito ampliadados e os quaes se acham situados no centro dos magnificos parques onde a temperatura é agradabilissima. Caminho de ferro a Pedras Salgadas. Fonte D. Fernando: muito gazosa e bicarbonatada sodica, natural é excellente agua de mesa.

Encontram se á venda as agnas de todas as nascentes de Pedras algadas, nos hoteis, restaurantes, drogarias e pharmacias e em todas as casas de primeira ordem. Esclarecimentos no escriptorio e deposito da Companhia, rua da Cancellia Velha, 29 a 31 PORTO.

Depositaris em Lisboa—J. R. Vasconcellos & C.ª, Largo de Santo Antonio da Sé, 5, 1.º 54

**Caldas de Monchique**  
SÃO estas as unicas Aguas da provincia do Algarve e Alentejo que sempre têm dado as melhores e mais admiraveis curas no Rheumatismo, doencas da pelle, refriados e nos variadissimos padecimentos das vias digestivas e urinarias. 59

**PEROLA DE TAVIRA**  
Acaba de chegar a este estabelecimento um enorme e variado STOCH de **CUYAS E MITAINES** em seda, lingo e algodão, sortido assombroso em todos os tamanhos. **PREÇOS EXCEPCIONAES DESDE 160 RS. O PAR** **VER A GRANDE DIFFERENÇA DE PREÇOS** **JOSÉ SOARES MANSINHO** PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO (79)

**ZIG-ZAG**  
O MELHOR PAPEL PARA CIGARROS O MAIS PURO QUE ATÉ HOJE TEM APARECIDO  
A sua superioridade é attestada pelo largo consumo que tem em todo o mundo; apesar das innumeradas imitações que constantemente lhes estão fazendo, o seu consumo cresce sempre **VENDE-SE EM TODO O PAIZ**  
**Unica Importadora--CASA HAVANEZA**  
RUA GARRET-LISBOA  
Deposito no Porto.—Sociedade dos Agentes de Venda da Companhia dos Tabacos Rua Fernandes Thomaz, 254 a 258  
**QUALIDADES DO PAPEL ZIG-ZAG**  
SIMPLES, com gomma TORLENE, com gomma  
" sem gomma AMBRÉ, estreito com gomma  
DOUBLE, com gomma " largo com gomma  
" sem gomma PEITORAL, com gomma  
RAMSÉS, com gomma ROYAL, com gomma  
BULL-DOG, com gomma ALCATRÃO, sem gomma  
GODRON, com gomma  
NÃO TEM RIVAL O PAPEL QUE TEM MAIOR CONSUMO EM TODO O MUNDO 57

**CONTRA A TOSSE**  
**Xarope peltoral James**  
Premiado com medallhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido  
RECOMMENDADO POR MAIS DE 300 DOS PRINCIPAES MEDICOS  
UNICO especifico contra tosses approved pelo Conselho-de-Saude Publica e tambem o unico legalmente auctorizado e privilegiado, depois de evidenciada a sua efficacia em muitissimas observações officialmente feitas nos hospitaes e na clinica particular, sendo considerado como um verdadeiro especifico contra as bronchites (agudas ou chronicas), defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito e contra todas as irritações nervosas.  
A venda nas pharmacias. Deposito geral: Pharmacia Franco, F.ª—Conde do Restello & C.ª, Belem—Lisboa. 85

**O Manual Pratico do Licorista**  
Livro da maior utilidade pratica e uma pequena fonte de riqueza para os pequenos commerciantes de grande economia domestica para as boas donas de casas, pois se podem, por este Manual, absolutamente pratico, obter os mais deliciosos licôres.  
Contem este magnifico Manual numerosas receitas para a fabricação pratica de licôres commerciaes, cremes de licôres, licôres crystallizados, sendo estas formulas quasi desconhecias em Portugal, cognacs, genebras, aguardentes, xaropes, etc., etc.  
Tudo fabricado por meio de essencias naturaes e infusões de fructos. Todas as formulas são experimentadas praticamente pelo auctor que é o sr.  
**MANUEL ANTONIO DO CARMO**  
Vol. illustrado com as gravuras indispensaveis  
Preço 300 rs. Pelo correio 325  
Livraria Popular DE FRANCISCO FRANCO (Casa fundada em 1890) 30, TRAYESSA DE S. DOMINGOS A 34 LISBOA

2.º ANNUNCIO

No Juizo de Direito d'esta Comarca e Cartorio do 3.º officio pendem uns autos de justificação avulsa requerida por Custodia Pereira e marido Antonio Gomes, residentes n'esta cidade pelos quaes os requerentes pretendem habilitar-se como unicos e universaes herdeiros do remanescente de todos os bens, direitos e accões de D. Maria Carolina Neves Rodrigues, viuva de João José Rodrigues, que falleceu n'esta cidade em 10 d'Abri! de 1910, sem ascendentes nem descendentes, mas com testamento cerrado, e isto para todos os effeitos legais e especialmente para que possa ser feito na Junta do Credito Publico, a favor da justificante o averbamento das inscripções deixadas pela fallecida que vierem a pertencer á mesma justificante, depois se entregue á legataria Gestru-des Ricardo a inscripção que lhe foi deixada pela mesma fallecida. Correm pois, editos de 60 dias a contar da publicação do 2.º annuncio no Diario do Governo, citando os interessados incertos para na 2.ª audiencia d'este Juizo, depois de findo o prazo dos editos, virem accusar a citação e ali assegurar-se o prazo de tres audiencias para reduzirem a impugnação que tiveram sob pena de revelia. De clara-se que as audiencias d'este juizo se fazem em todas as 2.ª e 3.ª feiras no tribunal Judicial d'esta comarca, sito da Ladeira da Fonte d'esta cidade, não sendo aquelles dias feriados, e se forem santificados têm logar nos dias seguintes. Távira, 19 d'Agosto de 1910.

Verifiquei:—Serpa  
O escrivão do 3.º off.º,  
Manuel Martins de Souza Caraga  
108



CONTRA A TOSSE

Xarope peitoral James  
Premiado com medalhas d'ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que tem concorrido  
RECOMMENDADO POR MAIS DE 300 DOS PRINCIPAES MEDICOS

UNICO especifico contra tosses approved pelo Conselho-de-Saude Publica e tambem o unico legalmente auctorizado e privilegiado, depois de evidenciada a sua efficacia em muiitissimas observações officialmente feitas nos hospitaes e na clinica particular, sendo considerado como um verdadeiro especifico contra as bronchites (agudas ou chronicas), defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito e contra todas as irritações nervosas.  
A' venda nas pharmacias. Deposito geral: Pharmacia Franco, F.ºº — Conde do Restello & C.ª, Belem—Lisboa. 83

Real e Nacional Hospital do Espirito Santo de Tavira

ANNUNCIO

A meza administrativa do dito hospital faz saber, que para manutención dos enfermos em tratamento do mesmo, bem como para pagamento aos seus empregados e outras despesas, e ainda para cumprimento de ordem superior, se previne, que todas as pessoas que a titulo de foreiro, jurista ou outra qualquer, se acham devedoras o este hospital, venham satisfazer os seus debitos, no prazo de 30 dias a contar da publicação d'este annuncio; do contrario, proceder-se-ha á cobrança das dividas pelos meios judiciaes.

Hospital do Espirito Santo de Tavira, 20 de agosto de 1910.  
A Direcção, 95

PREDIO RUSTICO

Vende-se um, proximo do Al-margem, denominado as Copas de Gesso, que consta de terra de semear, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras, figueiras e casa de moradia, ramada, palheiro, etc. e dois armazens. E' allodial.

Trata-se com José Viegas Palmeira, morador na Quinta de Monte Alegre, proximo do Almagem. 107

SEZÕES

Não é preciso consultar ninguém. Para as dôres de cabeça, arrepios pelo corpo, calafrios e mollesas, sezões, febres ou maleitas; comprem só as Pilulas mata sezões, marca registrada. E' cura radical. Meia caixa 250 e uma caixa 410 réis. Restitue-se a sua importancia, caso as piulas Mata sezões não façam effeito.

Callicida infallivel que em 3 a 4 dias arranca todo e qualquer callo. Frasco 210 réis.  
Xarope grosseillo composto para todas as tosses, bronchites e catarrho. Frasco 250 réis. Correio gratis.

Todos estes preparados são feitos por um pharmaceutico muito habilitado. Fazem-se grandes descontos para revender, e vendem-se em todas as mercearias, lojas de ferragens e drogarias. O encarregado de os mandar vir em Tavira é o sr. José Maria dos Santos, commerciante. 97

Deposito geral em SANTAREM DROGARIA MARTINS

MANTEIGA

de POVOLIDE

De superior qualidade em latas de kilo e meio kilo a 980 réis.

VENDE  
JOSÉ MARIA DOS SANTOS  
TAVIRA

MYLORD

Vende-se um e duas guarnições de arreios de parrelha. N'esta redacção se diz.

PROPRIEDADE

Arrenda-se a propriedade chamada quinta da Bella Fria, suburbios d'esta cidade, que consta de terras de sequeiro e regadio, com arvores mimosas, oliveiras, amendoeiras, alfarrobeiras e todas as acomodações para lavoura.

Trata-se com Luiz Parreira, na mesma propriedade todos os domingos e dias santificados, das 10 da manhã ao meio dia. 98

EMPREITADAS

No dia 4 de setembro perante a Camara Municipal de Albufeira serão arrematadas as seguintes obras: Modificação e ampliação dos paços do concelho sendo a base para licitação a quantia de 1:780:0000 réis.

Construcção de um matadouro sendo a base para licitação a quantia de 1:940:0000 réis.

Albufeira 6 de Agosto de 1910  
O Presidente da Camara  
100. Manuel Ramirez.

VENDE-SE

Uma espingarda de fogo central, calibre 16 e mais accessorios de caça.

Trata-se com Manoel Coelho de Mattos, Praça da Constituicão. TAVIRA 106

CASAS

Vendem-se duas moradas de casas: uma na rua de S. Thiago com os n.ºº de policia 2 e 4, com 9 compartimentos, sobrado e grande quintal; outra na rua de S. Lazaro com o n.º 65, com 7 compartimentos, 2 sobrados, quintal, poço e cavalariça. Quem pretender dirija-se ás suas proprietarias, na Rua Nova Grande, 55—TAVIRA. 546



PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

UNICO auctorizado pelo Governo, approved pela Junta de Saude Publica e privilegiado

Recommendado por centenares dos mais distinctos medicos, que garantem a sua superioridade contra a debilidade, na pobreza de sangue (anemia), nas digestões difficeis, na convalescença de todas as doencas, em geral, sempre que é preciso levantar as forças ou enriquecer o sangue; usando-o tambem, com o maior proveito, as pessoas de boa saude, mas de constituicão fraca, e as robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico, para reparar as perdas occasionadas por esse excesso de trabalho. Um calico de vinho representa um bom bife. Tem sido premiado com as medalhas d'ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que tem concorrido.

A' venda nas pharmacias. Deposito Geral: Conde do Restello & C.ª Pharmacia Franco, F.ºº—Lisboa. 58

ESTABELECIMENTO HIGIENICO

PEDRAS SALGADAS

A MAIS RICA ESTANCIA DO PAIZ

ABRE NO DIA 20 DE MAIO

ASSISTENCIA MEDICA, PHARMACIA, NOVO ESTABELECIMENTO BALNEAR COMPLETO SOBERBO PARQUE, DIVERTIMENTOS AO AR LIVRE, GRANDE CASINO-THEATRO, ESTACAO TELEGRAPHO-POSTAL, VACARIA E ILLUMINACAO KLECTRICA EM TODOS OS HOTEIS PERTENCENTES Á COMPANHIA, NO CASINO-THEATRO E EM TODOS OS PARQUES, ETC., ETC.

AGUAS alcalinas, gazozas, lithicas, arsenicaes e ferruginosas, uteis na gotta, manifestações de arthritismo, diabetes, affecções de fígado, estomago, intestinos, riu, bexiga, dermatoses e muitos outros padecimentos, como o provam innumerous attestados das maiores notabilidades medicas do reino e estrangeiro.

Excellentes hoteis, propriedade da Companhia: Grande Hotel, Hotel do Norte e Real Hotel de Avellames, todos elles muito amplios e os quaes se acham situados no centro dos magnificos parques onde a temperatura é agradabilissima. Caminho de ferro a Pedras Salgadas.

Fonte D. Fernando: muito gazosa e bicarbonatada sodica, natural e excellente agua de mesa.

Encontram-se á venda as aguas de todas as nascentes de Pedras algadas, nos hoteis, restaurantes, drogarias e pharmacias e em todas as casas de primeira ordem.

Esclarecimentos no escriptorio e deposito da Companhia, rua da Caucella Velha, 29 a 31 PORTO.

Depositari em Lisboa—J. R. Vasconcellos & C.ª, Largo de Santo Antonio da Sé, 5, 1.º. 54

BATINA

nova, para estudante, vende-se, n'esta redacção se diz. 103

FABRICA DE SANTO ANTONIO  
MOAGEM DE TRIGO PELO SYSTEMA  
AUSTRO-HUNGARO  
PORTIMÃO-ALGARVE

ESTE estabelecimento, cujos productos teem sido repetidas vezes analysados pelas estações officiaes sem que, de nenhuma, vez se tenha reconhecido a existencia da menor falsificacão ou adulteracão d'elles, tem á venda de genuidade e pureza absolutamente garantida, as seguintes marcas de farinha sómente de trigo:

Farinha de 1.ª (um fio) a 102 rs. por k.—70650 rs. por sacca de 75 k.  
Idem de 2.ª (dois fios) a 92 rs. » » —60900 rs. » » de 75 »  
Idem de 3.ª (tres fios) a 84 rs. » » —60300 rs. » » de 75 »  
Idem em rama (quatro fios) a 80 rs. » » —60000 rs. » » de 75 »  
Cabecinha a 60 rs. por kilo.  
Semea superfina a 30 rs. por kilo e a prompto pagamento mais 1 1/2 % ou 25 rs. de 10 saccas para cima.

As farinhas de um fio, dois fios e tres fios, teem o desconto de 3 % em compras superiores a 10 saccas.

MOE-SE TRIGO PARA PARTICULARES A 4 RÉIS POR KILO

Sempre que o publico deseje, pode verificar a eserupulosa laboração d'esta fabrica. 93

ZIG-ZAG

O MELHOR PAPEL PARA CIGARROS

O MAIS PURO QUE ATÉ HOJE TEM APPARECIDO

A sua superioridade é attestada pelo largo consumo que tem em todo o mundo; apesar das innumerous imitações que constantemente lhes estão fazendo, o seu consumo cresce sempre

VENDE-SE EM TODO O PAIZ

Unica Importadora—CASA HAVANEZA

UA GARRE — LISBOA

Deposito no Porto.—Sociedade dos Agentes de Venda da Companhia dos Tabacos  
Rua, Fernandes Thomaz, 254 a 258

QUALIDADES DO PAPEL ZIG-ZAG

SIMPLES, com gomma	TORLENE, com gomma
» sem gomma	AMBRE, estreito com gomma
DOUBLE, com gomma	» largo com gomma
» sem gomma	PEITORAL, com gomma
RAMSÉS, com gomma	ROYAL, com gomma
BULL-DOG, com gomma	ALCATRÃO, sem gomma
GOUDRON, com gomma	

NÃO TEM RIVAL O PAPEL QUE TEM MAIOR CONSUMO EM TODO O MUNDO 57

ARRENDA-SE

ou vende-se a propriedade no sitio da Capellinha. Quem pretender dirija-se a seu dono, José Antonio da Trindade, na mesma propriedade. 102



CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA autorizada, privilegiada e premiada com Medalhas d'OURO em todas as exposições

E' um excellente tonico reconstituinte, e um precioso alimento reparador, muito agradável e de facil digestão, de que milhares de medicos e doentes teem tirado como attestam, o maior proveito na falta de appetite, nos padecimentos de peito, na convalescença de quaesquer doencas, na alimentacão das mulheres gravidas e amas de leite, das pessoas idosas, creanças, anemicos e em geral dos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Deposito geral:—Pharmacia Franco, Filhos, Belem—Lisboa. 85

ARRENDAMENTO

Arrenda-se uma propriedade rustica no sitio de Santa Margarida. Quem pretender dirija-se á sua proprietaria, a viuva D. Maria da Conceição Aveilar, n'esta cidade.

PROPRIEDADE

Vende-se uma no sitio da Murteira constando de terras de semear de sequeiro, regadio, vinha e algum arvoredor. Trata-se com Sebastião Rodrigues Pinheiro Centeno. TAVIRA 105

GRIADA

Precisa-se uma de meia idade, que saiba bem cosinhar, para casa de homem só e tenha boas referencias. Paga-se bem. N'esta redacção se diz. 96

ARRENDA-SE

Uma propriedade no sitio do Pero Gil na Asseca, freguezia de São Thiago. Quem pretender dirija-se á sua proprietaria, Maria Gualdina Netto Souza, rua das Capacheiras—TAVIRA 110

PROPRIEDADE

Arrenda-se uma denominada Ponte d'Asseca no sitio do Julião d'este concelho. Trata-se com Sebastião Tello. 101